

BOLETIM DE CONJUNTURA

INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL

VOLUME - 8 Nº 2 MÊS. JUNHO ANO. 1988



UFRJ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

EDITORIAL

SALVOS PELAS EXPORTAÇÕES?

O ano de 1988 teve início num clima de pessimismo generalizado. A inflação, que acabava de derrotar mais um programa heterodoxo saltava dos 13% e 14% registrados nos últimos dois meses de 87, para 17% e 18% em janeiro e fevereiro do ano entrante. O que mais carregava o ambiente não era contudo, a virulência readquirida pela alta dos preços e sim a total descrença na possibilidade de vencer a inflação num futuro próximo. Um novo congelamento seria recebido com total descrédito, estando consensualmente fadado ao fracasso. Quanto à possibilidade de um severo tratamento ortodoxo, praticamente inexistia, dada a óbvia carência de condições políticas mínimas capazes de garantir a sua sustentação - quando mais não fosse, porque a extensão do mandato presidencial havia passado a condicionar todas as decisões governamentais.

Dadas estas circunstâncias, o espectro da hiperinflação voltava a rondar a economia. Evitá-la, não de uma vez por todas, mas no corpo a corpo das decisões de governo, passaria a constituir o objetivo maior (e quase único) da política dita do arroz-com-feijão. Não é preciso acrescentar, que este humilíssimo programa não poderia reconstituir o ânimo dos investidores, e nem tampouco restaurar a confiança dos consumidores - que desde o colapso do Cruzado (e a queda dos salários que a acompanhou) haviam expandido fortemente seus depósitos de poupança. Consequentemente, as atividades econômicas teriam tudo para retrair-se, reproduzindo com isto o ocorrido nos meses que sucederam a morte do Plano Cruzado.

Sem que houvessem sido solucionados quaisquer dos problemas maio-

res com que se debate a economia brasileira, o seu desempenho no primeiro semestre de 88 foi francamente melhor do que o sugerido nos parágrafos anteriores. Concretamente, a inflação sofreu ligeira elevação mas as suas taxas não mais apresentam a instabilidade e a aceleração de que pareciam dotadas no início do ano. Quanto às atividades econômicas, não retrocederam, e a indústria, em particular, permaneceu oscilando em torno do nível 119 (Índice com base em 1981) que havia sido alcançado no terceiro trimestre de 1987.

O principal fator responsável por estes modestos - e sobretudo imprevistos - êxitos parece-nos ser o crescimento das exportações de produtos industrializados. Isto porém não teria sido devidamente percebido (e esta é a hipótese aqui sugerida) pelas razões a seguir indicadas.

- 1) O crescimento das exportações de produtos industrializados no primeiro quadrimestre de 1988, em relação ao mesmo período de 1987, ao atingir a extraordinária taxa de 63,04%, excedeu as mais ousadas projeções.
- 2) Devidamente computado o atual peso relativo das exportações como destino da produção industrial (e tida em conta a sua efetiva taxa de crescimento no período recente), percebe-se que a capacidade das exportações de explicar o crescimento do produto industrial é muito maior do que o usualmente admitido. Concretamente, a queda de 6,3% do produto industrial no primeiro quadrimestre deste ano em relação ao mesmo período do ano anterior teria sido ampliada para 13,1% se as exportações tivessem tido um crescimento nulo. (vide Indústria: o papel das exportações)
- 3) Ao compensar dificuldades encontradas no mercado interno e contribuir para a preservação de um mínimo de vitalidade na economia, o crescimento das exportações tornou menos difícil a implementação de medidas de contenção bastante severas (congelamento do crédito bancário ao setor público, congelamento da URP, cortes ad hoc em diversos gastos da União). Vista a ques-

tão por este ângulo, a expansão das exportações teria criado espaço para a política econômica. Na medida em que esta tenha efetivamente contribuído para a obtenção de taxas inflacionárias inegavelmente altíssimas, porém indubitavelmente melhor comportadas, o dinamismo das exportações teria também ajudado a criar um novo clima na economia. Caberia no entanto indagar, se dele poderiam nascer soluções de maior fôlego.

A resposta à questão que acaba de ser formulada parece ser um sim menor e um não maior.

Sim, no sentido de que o sucesso das exportações deve estar começando a ter consequências benígnas de segunda e terceira ordem - que não dependem do peso relativo e da taxa de crescimento das exportações, mas das oportunidades criadas pela sua expansão. Tido em conta este fenômeno (e outros mais, comentados em diferentes capítulos do Boletim) é possível esperar um segundo semestre bastante superior ao primeiro.

Não, no sentido de que continuam engatilhados diversos mecanismos capazes de levar a economia de um momento para o outro à hiperinflação, e, num outro plano, porque os investimentos de base, dos quais depende crucialmente o crescimento de médio e longo prazo, continuam virtualmente paralizados (vide seção Investimento).

(1) Observe-se que, por razões unicamente estatísticas, a melhoria prevista para o segundo semestre não deve traduzir-se em dados favoráveis para 1988: como se pode verificar no capítulo Indústria, mesmo uma expansão de 6,4% no segundo semestre resultaria num crescimento nulo para o ano como um todo.

